



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8240 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MULHERES NO INÍCIO DE SÉCULO XX: RELAÇÕES DE GÊNERO, CLASSE E RAÇA NO ROMANCE CRUEL AMOR DE JULIA LOPES DE ALMEIDA

Euridice Hespanhol Macedo Pessoa - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

MULHERES NO INÍCIO DE SÉCULO XX: RELAÇÕES DE GÊNERO, CLASSE E RAÇA, NO ROMANCE CRUEL AMOR DE JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Este estudo pretende mostrar que a literatura, como aliada da história, pode fornecer informações sobre o modus vivendi de determinada comunidade, época, classe social ou nível educacional. Levando em conta as pesquisas sobre a escritora Julia Lopes de Almeida, abolicionista, defensora da educação e feminista, o objetivo desta pesquisa é confrontar a ficção com a realidade, uma vez que o romance Cruel amor foi escrito na contramão da Belle Époque carioca, dando visibilidade a uma comunidade que estava prestes a desaparecer da orla do Rio. Tendo como base metodológica o paradigma indiciário de Ginsburg, nele encontramos pistas que evidenciam questões sociais pouco mencionadas nos textos legais e/ou formais. A pretensão é trazer um momento histórico da então capital da república, tendo como protagonistas os sujeitos das classes populares. Julia Lopes de Almeida nasceu a 24 de setembro de 1862 na então província do Rio de Janeiro e faleceu em 30 de maio de 1934, na cidade do Rio de Janeiro. Filha de Valentim José Silveira Lopes e de Antônia Adelina Lopes. O Rio de Janeiro, capital federal de então, é cenário de suas ficções e atravessava um momento atribulado. O ambiente privado das famílias burguesas também vai servir de pano de fundo para seus enredos. O nome de Julia Lopes está entre os intelectuais que integraram o planejamento para a criação da Academia Brasileira de Letras, mas por ser mulher, ficou impedida de ser membro fundador. *Cruel Amor*, romance narrado em terceira pessoa, seus personagens principais são uma representação das classes populares. Trata-se de uma colônia de pescadores do início do século. Denso, especial por sua estrutura temática. Júlia Lopes de Almeida, vivenciou as transformações das primeiras décadas da República e também testemunhou a reforma Pereira Passos, uma reordenação social da geografia urbana da cidade do Rio de Janeiro. Neste período, houve retirada dos cortiços, que foram imortalizados pela autora no romance Memórias de Marta. Em Cruel amor, Julia traz a substituição das moradias dos pescadores das praias de Copacabana pela ocupação burguesa de alto luxo. O romance nega o ufanismo otimista da Belle Époque, mostrando o lado obscuro dos desejos da elite em relação a posição das classes pobres que foram afastadas dos centros de embelezamento durante a reforma Pereira Passos. Na trama, vem em cena situações que se passam entre dois triângulos amorosos: Flaviano/Maria Adelaide/Marcos; Rui/Ada/Eduardinho. Os personagens

femininos são vigiados, mostrando um comportamento por vezes doentio por parte de Flaviano e Rui. Não menos doentia é a atitude do pai de Rui, Cel. Mangino. Sobre o mesmo, pesam menções de crueldade, por maltratar a esposa que morreu num manicômio. A personagem Leonor, encena a aproximação “caridosa” entre a classe burguesa e a miserável, explorando os dons de Ada como costureira. Portanto, temos no romance a presença de temas sociais, desigualdade e exploração, perpassados pelas questões de gênero, classe e raça. Flaviano é pescador, Maria Adelaide é sua noiva, essa união traz para o texto questões raciais, já que Flaviano era mulato, por vezes chamado de “mestiço” durante a narrativa (lembrando a eugenia do início do século). Marcos tem outros motivos para não aprovar tal relação, pois nasce entre ele e Adelaide, um interesse mútuo. Em meio à narrativa, temos Ada, que em criança, foi abandonada na porta de Rola, uma costureira. Sobre a personagem Rola, temos a passagem quando encontra o bebê Ada em sua porta: ao encontrar o bebê, a criança recebeu os carinhos da uma mulher que foi criada órfã num colégio de freiras, onde, segundo o texto “a caridade não dissimulava a esmola”. A narrativa também esclarece um caso de assédio de menores por parte de um tio de Rola (parente que a tirou do orfanato), o que a fez sair de casa muito menina para encontrar trabalho na casa dos pais de Rui, onde presenciou o sofrimento da esposa do Cel. Mangino. Esta era a realidade das moças pobres que eram criadas nos orfanatos, por vezes, tratadas com a soberba das esmolos e a rigidez de uma obrigação para com a “caridade salvadora”. Segundo RIZZINI (2008, p.83), a preocupação com a infância acabou por incluir a religião num trabalho educacional/salvador. Repetir os sacramentos, as devoções religiosas, eram parte do dia a dia dessas meninas. Com tais práticas, a Igreja Católica firmava presença nos espaços criados para abrigar essas instituições. Sobre a infância no Brasil, sabemos que na Constituição do Império (1824) e na constituição da primeira República (1891) não havia nenhuma menção ao menor de idade, nada, nem mesmo para questões Penais, é como se a infância não existisse. A Carta Magna de 1934 foi a primeira a citar a criança. Ada sente que ama Rui, mas foge com Eduardinho, sobrinho de D, Leonor. Maria Adelaide, ao decidir terminar o noivado, acaba por se deparar com seu assassinato através das mãos de Flaviano, que não aceita sua declaração de rompimento. Um grande exemplo de aprendizado em Cruel Amor, vem dos menores Bié e Nita, duas crianças que vivem livres pelas matas de Copacabana. A riqueza de uma infância, descrita em detalhes pela autora. As duas crianças cedo são separadas. Nita é levada para servir de copeira numa residência, onde ela não poderia ver a luz das ruas. E Bié fica sem sua amiga e inicia suas idas ao mar com um caniço de pescaria. Para meninas do pós-escravatura, estudos mostram uma espécie de reinvenção da escravidão. Segundo SOUZA, (2012, p. 252), “Meninas poderiam ser levadas ao trabalho como uma estratégia de sobrevivência”, e eram aceitas por oferecerem mão de obra barata. Muitas eram inseridas nas casas para trabalharem como “aprendizes”, e em contrapartida, tinham sua força de trabalho explorada. Aos poucos, os ricos vão comprando os pequenos casebres dos pescadores para construir mansões à beira-mar. E a transformação da orla distancia do oceano os pescadores que dele sobrevivem. Inicia-se um novo tempo na paisagem carioca. A riqueza do texto soa como denúncia para as questões sociais. Contempla as questões de gênero, raça e classe. Penetra nos lares populares da aldeia de pescadores. Expõe a vida das mulheres no modelo patriarcal. Julia descreve um Rio de Janeiro com minorias sem voz, oferecendo a este estudo a conclusão de que as desigualdades, atravessam o século, revelando um contexto, por vezes, atemporal

Palavras chave: gênero, classe, raça, história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudio Lopes, Arquivo pessoal, visita em 06/05/2018.

ALMEIDA, Julia Lopes. Cruel Amor. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015.

_____ A falência. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2019.

_____ Eles e Elas. João Pessoa: Ed. UFPB, 3ª Edição, 2015.

_____. *Memórias de Marta*. Paris: Estrangeira Truchi Leroy, (1930?) Em: <http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/JFO/Media/JFO1180.pdf>.

Acesso em 26/05/2020, às 20h20min.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GINZBURG, Carlo - *A Micro História e outros ensaios* Lisboa: Difel, Difusão Editorial LTDA. 1989.

PRIORE, Mary Del e BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 1997.

RAGO, E. J. *A construção da 'natureza feminina' no discurso médico. Estudos feministas*. Florianópolis, ano 10, n. 514, p. 511-514, jul./dez. 2002. Em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200019 –

Acesso em 15/09/2020, às 11:29 h.

RIZZINI, Irene. *O Século Perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SOUZA, Flávia Fernandes de. “*Escravas do lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na corte imperial*”. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio(org.). *Mulheres negras no Brasil escravagista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.